

**Que tal reler Paulo Freire?
How about rereading Paulo Freire?
¿Qué tal volver a leer a Paulo Freire?**

Comentário Crítico da exposição *Ocupação Paulo Freire*.*

Antonio Carlos Aguiar Dias**



Tela Paulo Freire – Guia dos Estudantes.abril.com.br

Essas últimas semanas, duas notícias provocaram uma reverberação do *samba da benção*, de Vinícius de Moraes¹, aos meus ouvidos. De um lado, vizinho ao meu Ceará, ocorreu, no Museu do Estado de Pernambuco – MEPE, a exposição *Ocupação Paulo Freire*. Do outro, um adolescente entra com uma machadinha em uma creche em Blumenau e mata quatro crianças. O poetinha sobrevive: “a vida é arte do encontro embora haja tanto desencontro pela vida”.

A manchete, seguida do primeiro parágrafo da matéria, retirada do site oficial do SESC, anuncia:

Exposição dedicada ao educador Paulo Freire chega a Pernambuco, de 25 de novembro de 2022 a 12 de fevereiro de 2023, o Museu do Estado de Pernambuco (MEPE) receberá a *Ocupação Paulo Freire*. O projeto foi concebido pelo Itaú Cultural de São Paulo em 2021 e agora chega ao Recife com a realização do Sesc em Pernambuco; Governo do Estado de Pernambuco (Secretaria de Cultura e Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco) e Prefeitura da Cidade do Recife (Secretaria de Educação, Secretaria de Cultura e Fundação de Cultura). A entrada é gratuita. (SESC, 2023)

* Exposição no Museu do Estado de Pernambuco (novembro de 2022/ fevereiro de 2023).

** Mestre em Educação pela Universidade Lusófona (Lisboa) e pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da UVA (RJ).

E-mail: carlosdias04@yahoo.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0007-8789-0550>



Museu do Estado de Pernambuco (Recife)

No entanto, numa dessas desarmonias com o tempo, apesar de me considerar uma pessoa atenta e estudiosa de Paulo Freire, não vi e nem ouvi falar da amostra durante todo período de exposição. Tempo longo, para tanto desencontro.



Capa da exposição

Porém, considerando que “o passado não reconhece seu lugar”, como escreveu Mario Quintana (1906-1994), principalmente, na era das redes sociais, em que podemos estar virtualmente, isto é, em potência noutro espaço qualquer, fui prestigiar o passado exposto em meu presente. Por meio dos sites e das redes sociais das instituições organizadoras, sobretudo, do Itaú Cultural, comecei a apreciar a amostra e a enxergar a obra freiriana como um canal de compreensão e transmissão entre arte e educação, alicerçada na cultura popular.

Com a curadoria dos Núcleos de Audiovisual e Literatura e de Educação e Relacionamento do Itaú Cultural, e expografia assinada por Thereza Faria, conteúdo, ideia e forma iniciaram com uma animação do original da obra *Pedagogia do Oprimido* e encerraram com um mapa batizado como *Paulo Freire no mundo*. Essas duas lacunas foram mediadas por quatro eixos: *Formação*, *Angico*, *Exílio* e *Retorno*, fazendo com que a composição estrutural, originada na percepção e na experiência estética, embrenhasse o indivíduo no simbólico universo freiriano.

Ao ver a animação dos originais de *Pedagogia do Oprimido*, no meu caso, em formato virtual, me perguntei como Paulo Freire estaria usando as redes sociais em benefício da educação, visto que, em Angico, no ano de 1963, o professor já tinha adquirido, para facilitar o aprendizado dos alunos, o “revolucionário” projetor de slide a querosene. Olhar os originais dessa obra, escrita durante o exílio do pernambucano, é avistar os contornos dos rabiscos de suas raízes; é perceber o resultado da metamorfose do sofrimento em uma obra de arte que foi capaz de chegar, coenunciando Kohan (2019), entre os cem primeiros livros mais consultados no banco de dados *The Open Syllabus Project*, que inclui mais de um milhão de programas de universidades de língua inglesa dos últimos dez anos. Vislumbrar esses originais é conhecer o princípio gráfico de um livro, que, para o mundo, é a terceira obra mais citada no campo das ciências sociais e o primeiro do mundo na área de educação.



Projektor de slides a querosene

Ao ultrapassar a cortina da *Pedagogia do Oprimido*, encontro os quatro eixos: O da *Formação*, simbolizada pela sombra da mangueira, que o educador aprendeu a ler usando gavetos, e pela sua infância, constantemente retomada pelo professor, como se Freire buscasse instigar os educadores e as educadoras a procurar essa nova infância caracterizada pela pedagogia da pergunta - ou “freirianamente” -, ruminando *meninizar-se* por meio da *curiosidade menina*. Ao continuar meus passos latentes, encontro o eixo de *Angico*, celeiro onde o Pernambucano coloca em prática a experiência emancipatória de uma alfabetização baseada nos ciclos de cultura, no universo vocabular e na dialogicidade entre professor e aluno, que em seguida é reprimida pelo golpe de 1964. Este ano, 2023, o projeto de Angico completa 60 anos e ganhará um filme, em que o ator diretor e roteirista Vagner Moura viverá Paulo Freire.

Tal fato nos faz chegar ao terceiro eixo, o do *Exílio*, que dura 16 anos. Sobre isso, perpassa desde a saída do Brasil para Bolívia, com a instalação no Chile e em seguida nos Estados Unidos, na Suíça, além dos trabalhos de educação em países africanos. Assim,

chegamos ao último eixo, o do *Retorno*, que vai de 1980 a 1997, na qual apresenta o Paulo professor da PUC de São Paulo e de outras IES, Secretário de Educação no Governo Erundina e sua morte em 1997 aos 75 anos.

Por fim, após os eixos, um mapa, que apresenta o nosso patrono da educação brasileira como um cidadão do mundo. 29 títulos Honoris Causa, medalhas, prêmios, troféus, cátedras o que fazem de Paulo Freire “o educador mais importante do mundo nos últimos cinquenta anos” (Macedo. in: Wilson; Park; Colon-Muniz, 2010, p. xv).

Enquanto aprecio as fotos, os vídeos, as cartas, enfim, as peças da exposição, vou rememorando os ataques entulhados de ira que Freire tem sofrido nos últimos anos. Uma espécie de um novo exílio (*in memória*) articulado pelo governo anterior e pelos movimentos ditos educacionais e manifestado por meio de expressões, como: “Energúmeno”; “Chega de doutrinação marxista. Basta de Paulo Freire”; “É preciso colocar Paulo Freire em seu devido lugar, que é o lixo da história”; “Vou entrar como lança-chamas lá no MEC e vou tirar o Paulo Freire lá de dentro”.

Simultâneo a minha visita à Ocupação Paulo Freire e as minhas lembranças da articulação ao novo exílio do educador, escombros do entulho de ira resultam na notícia de um adolescente que entra numa creche em Blumenau, portando uma machadinha, fere cinco crianças e assassina quatro, eram dois Bernardos, um Enzo e uma Larissa. Quantos se tornaram “mortos-vivos”? Não foi noticiado.

Todavia, explodiram os dados de atentados nas escolas brasileiras. O Instituto Sou da Paz apresentou os ataques, os números e a principal causa de aumento ao G1 (2023).

1. Salvador (BA) – 2002 (duas pessoas feridas)
2. Taiúva (SP) – 2003 (uma pessoa morta e oito feridas)
3. Rio (RJ) – 2011 (12 pessoas mortas e 13 feridas)
4. São Caetano do Sul (SP) – 2011 (uma pessoa morta e uma ferida)
5. Santa Rita (PB) – 2012 (três pessoas feridas)
6. Goiânia (GO) – 2017 (duas pessoas mortas e quatro feridas)
7. Medianeira (PR) – 2018 (duas pessoas feridas)
8. Suzano (SP) – 2019 (dez pessoas mortas e 11 feridas)
9. Caraí (MG) – 2019 (duas pessoas feridas)
10. Barreiras (BA) – 2022 (uma pessoa morta)
11. Sobral (CE) – 2022 (uma pessoa morta e três feridas)
12. Aracruz (ES) - 2022 (três pessoas mortas e 13 feridas)

A diretora-executiva do Instituto Sou da Paz, Carolina Ricardo, afirmou que a frequência de assassinatos desse tipo aumento nos últimos anos. afirmou a especialista.

Não é coincidência que os casos tenham acontecido nessa frequência ao mesmo tempo em que o número de armas nas mãos de civis é muito grande. A gente tem cerca de 1,9 milhão de armas em circulação no Brasil, segundo dados de junho de 2022. São armas registradas na Polícia Federal e Exército. (Ricardo, C. 2022)

Não parece ser coincidência mesmo: a liberação das armas tem caminhado junto ao aumento da cultura de ódio em nosso país, fazendo com que o governo atual passe a criar uma série de comissões e ou de grupos de estudos que possam vir a produzir planos de ação por uma cultura de paz nas escolas e na sociedade como um todo, principalmente, que sejam capazes de criar estratégias de combate às *fake News* e, consecutivamente, de minimizar a produção e a disseminação das pós-verdades.

Depois de transcorrer por toda essa amostra, de chorar junto à comunidade da Creche Bom Pastor, de me indignar com a insana ignorância em relação à obra de Paulo

Freire, quero deixar aqui uma pitada de alvitre aos grupos governamentais que estão a se formar.

Jacques Lacan é considerado, para muitos, o Einstein da psicanálise, pois, assim como o físico fez uma releitura de Newton, implementando novos conceitos, o psicanalista francês fez o mesmo com a teoria freudiana. Sobre tal fato, observamos com o estudo de Domenico Losurdo em relação a obra de Marx, ao nos apresentar uma original leitura da luta de classes e a sua vital necessidade na contemporaneidade. Ou como temos visto a fala e os escritos do nosso intelectual orgânico Ailton Krenak ao tentar adiar o fim do mundo e mostrar que o amanhã não está à venda, a partir de uma releitura dos processos culturais de nossos ancestrais. Enfim, o meu “pitaco”, aos grupos e às comissões, é relermos Paulo Freire, pois o próprio educador releu sua *Pedagogia do Oprimido* para criar a Pedagogia da Esperança, já que ele, também, “não queria ser imitado, mas reinventado, sempre com base no diálogo, na troca de conhecimento. Ser freiriano não é ser discípulo dele” (Carta capital. Padilha, P. R. 2021).

Quem sabe, ao reexaminar a obra de Paulo Freire pelo caleidoscópio de uma política educacional e distante da miopia partidária, fará com que alguns segmentos conservadores reflitam sobre suas posições, em relação ao professor, e determinem segmentos do campo dito progressista, ou de esquerda como queiram, retirem o educador de um altar distante e o posicionem onde ele gostaria de estar, nas salas de aula das nossas escolas, nas universidades e nos movimentos sociais e educacionais do popular, oportunizando experimentarmos um diálogo, por meio de sua filosofia, “à moda” brasileiro (a), em que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. (Freire, p. 1989).

E, porventura, podemos constatar ou não, que, “Longe das massas populares, em interação apenas com seus livros, o intelectual corre o risco de ganhar uma racionalidade desencarnada, uma compreensão do mundo sem carne” (Freire, P.; Fagundes, A. 1985).

Talvez, retirar Freire desse novo exílio a que foi submetido (*in memória*) fará com que a essência pedagógica dos ciclos de cultura, do universo vocabular, sejam elos de discussão entre educação e arte, capazes de possibilitar na educação formal e popular, de forma presencial ou on-line, um diálogo, no sentido freiriano de transição, entre O Saci-Pererê, A Mula-Sem-Cabeça, A Mônica, A Cuca, O Boitatá, O Negrinho do pastoreio, sobre cultura local, meio ambiente, gêneros, religiosidade, geografia, história, biologia, linguagem, dentre outras questões, em um processo de decolonização. Pondo na berlinda afirmações de Paulo Freire:

Ensinar não seja transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção e que o professor poderá ser, naturalmente, um artista, mas ser um artista não significa que ele ou ela consiga formar o perfil, possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos. (Freire, P. 1996)

Quiçá, a nossa proposta de reler o patrono da nossa educação poderá nos levar, inclusive, a aprofundar sua filosofia do conhecimento e reavaliar a construção da nossa dinâmica educacional, pautada, quase que exclusivamente, nos filósofos da consciência, e poderemos ponderar, diante daquilo que Paulo chamou de *inédito viável*, a teoria freudiana do inconsciente, a existência desse sujeito evanescente e pontual, visto que, Freire (1983) já alertava para “as demandas internas que sobrepõe a realidade, por adoção de atitudes e comportamentos pautados por introjeções externas”.

Essa concepção minuciosa, entre a teoria de Paulo Freire com as demandas internas, tem potencial de alargar os caminhos do processo artístico na educação, no sentido, por exemplo, daquilo que pensa Nasio (2017), ao defender que só existe sublimação das pulsões do artista quando a obra comove o espectador, despertando-lhe o

desejo de criar também. Isso é fomentar e compreender a dinâmica da aprendizagem transformadora, que resulta, naquilo que Freire chamou de educação emancipadora.

Finalmente, despeço-me, ratificando: *Que tal reler Paulo Freire?* E, por acaso, em virtude desses encontros e desencontros, você for levado a querer reinventar a reverberação do *Samba da Bênção* aos seus ouvidos, não se desgaste, chama o Chico Buarque e pede um samba: *Que tal um samba?*

*Puxar um samba, que tal?
Para espantar o tempo feio
Para remediar o estrago
Que tal um trago?
Um desafogo, um devaneio
Um samba pra alegrar o dia, pra zerar o jogo
Coração pegando fogo e cabeça fria
Um samba com categoria, com calma.
(...)
Desmantelar a força bruta
Então, que tal puxar um samba?
Puxar um samba legal
Puxar um samba porreta.*

Referências:

Carta Capital. Padilha, P. R. “Paulo “Freire não queria ser imitado, mas reinventado”. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/paulo-freire-nao-queria-ser-imitado-mas-reinventado/> Acesso em: 02 de abr. 2023

Freire, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989

Freire, P. Fagundes, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, (Coleção Educação e Comunicação: v. 15) 1985.

Freire, P. *Pedagogia da autonomia*. Saberes Necessários à Prática Educativa 25ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura. 1996.

Freire, P.; Horton, M. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

Freire, P. *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1983.

G1. Espírito Santo, 25 de nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/11/25/brasil-registrou-12-ataques-em-escolas-nos-ultimos-20-anos-aponta-levantamento.ghtml> Acesso em: 01 de abr. 2023

Kohan, W. Paulo Freire mais do que nunca: Uma biografia filosófica. Autêntica Editora LTDA, 2019.

Nasio, J. D. *9 lições sobre arte e psicanálise*. 2017. Editora Zahar. 1ª edição. 2017. página 101.

SESC. “Exposição dedicada ao educador Paulo Freire chega a Pernambuco”. Sesc Santo Amaro, 21 nov. 2022. Disponível em: <https://www.sescpe.org.br/2022/11/21/exposicao-paulo-freire-chega-a-pernambuco/> Acesso em: 31 de abr. 2023.

Citação/Citation: Dias, A. C. A. (2023) Que tal reler Paulo Freire?. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XV, no. 1.), pp. 139-145.

Recebido em: fevereiro de 2023.

Aprovado em: abril de 2023.